

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



MOITA, Irivalva Constância de Nóbrega Nunes (Sá da Bandeira, Angola / Lubango, 1924 – Lisboa, 2009)

Filha de José Nunes Moita e de Justina da Nóbrega, foi a 6.^a descendente entre 12 irmãos nascidos da fecunda prole deste casal de colonizadores, que participaram, como segunda geração, na fundação da cidade de Sá da Bandeira, no planalto de Huíla. José Moita, natural da Sertã, era homem empreendedor, adquirindo, pouco depois de chegar, vasta extensão de terrenos a que chamou Quinta da Liberdade, que viria a ser a sua casa de família. Deu à filha o nome de Irivalva por ter nascido às cinco horas da manhã, que assim interpretou: Íris-Alva, Mensageira da Alva, Estrela da manhã. Era republicano, laico, ateu e anticlerical, e mais tarde anti-salazarista. A estas fortes convicções aliava uma cultura geral fora do comum, assimilada como autodidacta. A casa era uma verdadeira escola. Irivalva afirmará mais tarde que toda a família fora “muito marcada pelo pai (...) pessoa muito interessada, muito estudiosa, principalmente de política e das ideias”, que educou os filhos “de uma maneira diferente das outras crianças”, dando-lhes “muita autonomia, mais liberdade do que era habitual numa altura em que era tudo muito fechado” (Entrevista a *Faces de Eva*, 2006, nº. 16, p. 133). A infância e adolescência de Irivalva Moita desabrocharam e desenvolveram-se neste ambiente, onde havia também exigência, integridade e rigor, valores que assimilou e foram uma constante ao longo da sua vida, tanto nas múltiplas actividades em que se envolveu como na obra científica que produziu. Em todos os âmbitos do seu percurso deparamo-nos com uma mulher de carácter forte e de grande verticalidade, nunca cedendo a pressões nem se deixando abater pelos insucessos. Herdou também o pendor para uma postura política de esquerda, embora sem militância partidária activa. E o agnosticismo religioso que manteve ao longo da vida não foi obstáculo a uma boa relação com instituições católicas, tendo até deixado a casa de uns tios onde começou por se instalar, para se alojar por algum tempo num Lar de Raparigas da Sociedade das Filhas do Coração de Maria, ao Quelhas, pela maior próxima da Faculdade. Mais tarde confessou que “fora uma experiência nova de que tinha gostado muitíssimo, sendo das fases da vida que [recordava] com mais saudade” (Entrevista, p. 136).

A sua formação intelectual começou naturalmente na escola primária, terminando a 4.^a classe com brilhantismo, e prosseguiu no Liceu Diogo Cão, onde encontrou professores muito bem preparados. Concluiu



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

o Curso Complementar de Letras em 1944 com 17 valores. Para além da História, gostava de Literatura - “porque a Literatura também é História”-, Latim e, sobretudo de Filosofia, para o que terá contribuído a grande admiração sentida por Walter de Vasconcelos, docente desta disciplina, afirmando mais tarde: “vim para História e Filosofia e na altura era mais pela Filosofia do que pela História” (Entrevista, p.135).

Os êxitos escolares e o gosto pessoal suscitaram-lhe a ambição de prosseguir os estudos e licenciarse em Ciências Históricas e Filosóficas, que implicava a vinda para a metrópole por não existir ainda em Angola o ensino superior. Chegou a Lisboa no Outono de 1944 e pouco tempo após a chegada, realizou as provas de admissão ao curso de Ciências Históricas e Filosóficas na época de Outubro. Ao longo dos quatro anos curriculares teve como Professores na área da História, Ferreira de Almeida, Mário de Albuquerque, Manuel Heleno, Artur Gusmão, Virgínia Rau, Silva Marques, e em História da Arte, Mário Tavares Chicó. No âmbito da Filosofia e Psicologia foi aluna de Délio Santos, Luís Schwalbach e Delfim Santos. Tece a seguinte apreciação global sobre os docentes que teve: “A maioria era gente do regime, ou então monárquicos que o regime protegia”, guardando, no entanto, boas recordações de Vieira de Almeida e Delfim Santos” (Entrevista, p. 136). Teve como colegas, em diferentes cadeiras, Lindley Cintra, António Ferro e Mário Soares; e também conviveu com Urbano Tavares Rodrigues, Augusto Abelaira, Francisco da Gama Caeiro e Mário Pinto de Andrade. A frequência da Casa dos Estudantes do Império proporcionou-lhe o relacionamento com elementos que mais tarde seriam protagonistas dos movimentos independentistas das antigas colónias. Terminada a frequência dos quatro anos do curso, preparou a tese de dissertação a que deu o título *Para o estudo do Problema Físico e Filosófico da Causalidade*, que defendeu em 28 de Julho de 1949, obtendo assim o grau de licenciada, com a média final de 13 valores, na época uma das mais elevadas classificações atribuídas no curso de 1944/1945 a 1947/48. Entretanto realizara quatro cadeiras do curso de Ciências Pedagógicas, que a habilitavam para a via profissional. E de facto, logo em Outubro de 1949, foi aceite como professora do ensino secundário em Faro, no Colégio Farense, um colégio feminino particular onde leccionou durante dois anos. Foi o seu primeiro emprego. Apesar do gosto pelo ensino, o seu principal desejo era dedicar-se à investigação histórica e arqueológica. Dirigiu-se a Manuel Heleno, que fora seu professor de Arqueologia, procurando orientação para realizar essa ambição, o qual a propôs ao Instituto de Alta Cultura (I.A.C), destacando no parecer a sua “capacidade bastante para dignificar o Instituto”. A actividade ficava circunscrita à investigação e à prática arqueológica, sediada no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, sendo-lhe assim reconhecida a competência metodológica adquirida, mas que irá aperfeiçoando com a prática e conhecimento do trabalho de investigadores de renome.

A 26 de Julho desse ano de 1952, Irisalva Moita foi admitida como bolseira do I.A.C., estatuto que manteve até 1972, cumprindo o que a instituição lhe exigia, mas sem deixar de estar atenta a outras aéreas que não colidiam com as condições assumidas. O seu primeiro interesse centrou-se na pesquisa da antiguidade greco-romana nas suas relações com a arqueologia em Portugal, em especial no estudo dos mosaicos. Deste domínio passou à Pré-História, realizando várias escavações, com o objectivo de esclarecer aspectos da



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

cultura dolmênica: em 1952 e 1953 explorou dólmenes na região de Pavia e Mora, no Alentejo, e, em 1955, procedeu à revisão da exploração dos da Beira Alta, que tinha sido feita por Leite de Vasconcelos, que alargou à região de Viseu, tendo publicado um *Corpus* dos monumentos existentes neste distrito. A partir de 1958, por incompatibilidade com Manuel Heleno, passou a estar associada ao Centro de Etnologia Peninsular da Universidade do Porto, pertença do mesmo Instituto. Começou pela região de Guimarães, visitando as intervenções realizadas dois anos antes na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso, por iniciativa da Sociedade Martins Sarmento em parceria com uma equipa da Universidade de Oxford, liderada por Christopher Hawkes. O Reino Unido era então considerado uma referência científica incontestada. Irisalva fez questão de conhecer os novos achados e averiguar os métodos e técnicas de trabalho de campo utilizados. O mesmo interesse lhe despertara os trabalhos arqueológicos realizados em Portugal pelo notável arqueólogo francês Padre Jalhay, sobre o qual escreveu o artigo “Padre Jalhay” (*O Arqueólogo Português*, nova série, t. I, Lisboa, 1951- separata). Prosseguiu a prospecção em todo o País, entre 1959 e 1972, com vista à recolha integral de elementos para o estudo “A Cultura Castreja no Ocidente Peninsular” e a publicação do “Inventário e Carta dos Castros de Portugal”, não terminado. No entanto, publicou resultados parcelares em extensos relatórios anuais, em várias notícias neles baseados, divulgando-os ainda em congresso da especialidade. As competências científicas demonstradas em tão diversificados domínios confirmavam o seu perfil de arqueóloga.

Enquanto trabalhava no terreno, em 1954, por convite de Manuel Heleno e Virgínia Rau, foi admitida como 2.º assistente além do quadro, para a regência de trabalhos práticos de História geral da civilização, História da antiguidade oriental (semestral), História da antiguidade clássica (semestral) História medieval, História Moderna, História de Portugal, História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa, Paleografia e Diplomática, Epigrafia (semestral), Numismática e Esfragística (semestral) e Arqueologia, cadeiras que leccionou ao longo de três anos lectivos (A. H. Oliveira Marques, “Notícia histórica da Faculdade de Letras de Lisboa (1911-1981), pp. 183 e 186). Era das raras mulheres a ensinar História na Faculdade de Letras de Lisboa. Como gostava da docência universitária iniciou um projecto de doutoramento, de que desistiu ao ser exonerada em 1957, por parecer desfavorável de Manuel Heleno, o mesmo Professor que mais decisivamente contribuíra para a sua admissão. A formação académica, agora enriquecida com a docência universitária, a que se juntava o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido no âmbito da arqueologia, conferiram-lhe uma indiscutível autoridade científica como Historiadora. Não se deixou abater perante esta adversidade. Ao ver-se afastada da Faculdade procurou o ensino secundário, vindo a leccionar no ano de 1957-1958, na Escola Industrial Afonso Domingues, em Marvila, em curso nocturno “com alunos que vinham das fábricas, mas que queriam realmente estudar” (Entrevista, p. 138).

Consciente dos seus talentos e atenta às oportunidades para que se sentia capacitada, já em 1953 começara a desbravar outra possibilidade profissional. Antes do ingresso no ensino universitário, concorrera ao estágio para Conservadores Adjuntos de Museus, Palácios e Monumentos Nacionais, aberto naquele ano,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

ficando em primeiro lugar entre os oito candidatos admitidos. No ano lectivo de 1953-1954, seguiu cursos no Museu Nacional de Arte Antiga e no Museu de Arte Contemporânea, orientados pelos respectivos directores, Dr. João Couto e escultor Diogo de Macedo; e no ano lectivo de 1954-1955, no Museu Nacional de Etnologia Dr. Leite de Vasconcelos, orientado pelos Professores Manuel Heleno e Scarlati Lambrino. Apresentou-se ao exame final com uma tese intitulada *Anteprojecto para a Secção de Arqueologia do Futuro Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*.

Habilitada com o curso de Conservador de Museu, apresentou-se como candidata ao lugar de Conservadora contratada, de Março a Outubro de 1954, Ao ser afastada da docência universitária, em Março de 1958, voltou a ingressar, como Conservadora de 1.^a Classe, no quadro dos Museus Municipais de Lisboa (Museu da Cidade, Museu Rafael Bordalo Pinheiro, Museu Antoniano), tendo ascendido à categoria de Conservadora-Chefe dos Museus Municipais, em concurso com provas públicas em 1970.

Compaginou, entretanto, a faceta de museóloga com o regresso ao gosto pela arqueologia, agora centrada na cidade de Lisboa e arredores, um dos campos que lhe despertou especial interesse e em que foi pioneira. Começou por realizar a prospecção e sondagens na Estação Neolítica de Vila Pouca, na Serra de Monsanto em 1959. No entanto, o trabalho que lhe conferiu maior notoriedade foi a intervenção arqueológica nos vestígios do Hospital Real de Todos-os-Santos na Praça da Figueira, por convite do presidente da Câmara Municipal, por, ocasião das escavações da Estação do Metropolitano de Lisboa do Rossio, cuja direcção o Município lhe confiou. Esta escavação significou “um marco na História da Arqueologia, constituindo a primeira grande acção de salvaguarda do património arqueológico urbano” (“Margarida Almeida Bastos e Rita Fragoso de Almeida, Museu de Lisboa, *Irisalva Moita um percurso fotobiográfico*” p. 111). A própria declarará que foi “a primeira escavação urbana medieval dentro da cidade (...) porque nessa altura apenas interessava até ao período Romano”. (Entrevista, p. 139). Sobre o trabalho desenvolvido elaborou cinco relatórios publicados na *Revista Municipal*, entre 1964 e 1966, com o título “Hospital Real de Todos-os-Santos – Relatório das escavações a que mandou proceder a C. M. L: de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960”, acompanhado de reportagem fotográfica Neste contexto, foi descoberta também na Praça da Figueira uma Necrópole Romana, utilizada entre os séculos I e III, cujos trabalhos acompanhou e de que elaborou relatório. Esta descoberta alertou-a para a possibilidade de existirem mais vestígios da presença romana na cidade, que foi confirmando, como por exemplo ao aparecerem duas sepulturas com ossadas e moedas em Olivais-Sul em 1964; de uma ânfora no Beco dos Armazéns do Linho em 1967. Estes e outros achados alertaram-na para os vestígios que iam sendo descobertos quando da abertura de caboucos para a construção de prédios, a que esteve atenta até ao final da vida.

Todos estes trabalhos tornaram Irisalva Moita uma referência como arqueóloga da cidade e, como tal, foi-lhe confiada a direcção das escavações do Teatro Romano (1966), cujas intervenções foram decisivas para que o monumento fosse classificado como Imóvel de Interesse Público. Outro polo de interesse foi a recuperação das Galerias Romanas da Rua da Prata, até então conhecidas como “Termas Romanas”, tendo



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

elaborado um estudo de recuperação visando a sua abertura ao público, que aconteceu em 1982. Acrescenta-se que todo o espólio que ia sendo posto a descoberto e movível, encaminhava-o para o Museu da Cidade cujo programa de reconfiguração, entretanto gizou e dirigiu, habilitada que estava com todas as competências científicas para o desempenho do cargo como acima se deixou referido.

O percurso das vicissitudes por que passou este Museu foram descritas por Irisalva Moita na entrada “Museu da Cidade”, no *Dicionário da História de Lisboa* (1994) do qual foi co-autora, (pp. 598-599), A aquisição do Palácio Pimenta pelo município em 1961 iria permitir que lhe coubesse, como Conservadora-chefe dos museus municipais, a sua inauguração neste novo espaço em 1979, transformando o modesto museu que existira no Palácio da Mitra no Museu de Lisboa. Para tanto, elaborou um programa entre 1973 e 1975, com um discurso cronológico e evolutivo da cidade. Será no desempenho deste cargo, que corresponde à fase mais destacada da sua carreira, que irá centrar todo o seu interesse pela história e defesa do património da capital até 1994, ano em que se afastou por atingir o limite de idade. Para Irisalva Moita, o património a salvaguardar ia para além do valor material das peças ou de espírito colecionista. Decorria da sua concepção de História: eram objectos de diferentes épocas, com a marca da mão humana, sendo testemunho da longa aventura dos homens que habitaram e contribuíram para a definição da área urbana. A mesma atitude mental presidira ao seu trabalho como arqueóloga.

Esta perspectiva deixou-a bem expressa no ambicioso programa museológico que elaborou, no qual faz a distinção entre Museus Nacionais, Museus Regionais e Museu de Cidade, este específico de um aglomerado urbano, e, portanto mais rico de implicações históricas. (“Fundamentos dum Museu de Lisboa”. *Revista Municipal*, n.os 130 - 131, 1971, p. 19). E concretizou com uma longa exposição sobre a História da Cidade de Lisboa desde a Pré-História até ao ocaso da Idade Média, continuado numa segunda parte, que leva até finais do século XVIII (publicado na mesma revista, n.os 132-133 – 1 e 2.º trimestres de 1972). São textos fundamentais para compreender a programação museológica a que procedeu: o museu mostra representações selectivas de divulgação da memória da cidade desde as suas origens pré e proto-históricas até à implantação da República em 1910. Foi aberto ao público por fases sucessivas, entre 1979 e 1984, mas o seu projecto sobre o Museu não teve integral concretização.

Prevía a ampliação do Palácio, que dispunha de espaço livres, situados para além da mata, que permitiam a construção de pavilhões destinados a coleções complementares com um edifício novo, “a ser construído a sul do recinto (...) destinado à instalação de reservas” e vários serviços; “a montagem, no Parque do Palácio, dos restos arqueológicos do Hospital Real de Todos-os-Santos”; “a construção de vários pavilhões para núcleos complementares do Museu, como a exposição das colecções de azulejaria de Lisboa, de pintura e de escultura contemporânea com temática olisiponense”. e outras secções. Deste ambicioso projecto “só o pavilhão para a azulejaria chegou a ser construído (actualmente chamado “Pavilhão Preto”), sem que nunca tenha sido utilizado para o fim a que estava destinado”. Mas deixou o seu nome ligado a esta expressão artística tão genuína da cidade, colaborando na exposição *Azulejos de Lisboa*, realizada na Estufa Fria



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

(Parque Eduardo VII), em 1984. (José Meco, *Irisalva Moita. Curriculum Vitae*, 2009, pp. 7-25).

O interesse pela olisipografia não se esgotou na museologia, manifestou-se também em importantes exposições temáticas temporárias, que coordenou ou em que colaborou, elaborando os respectivos catálogos, de grande valor científico. Irisalva tinha uma visão abrangente sobre todas as expressões humanas, que os catálogos também testemunham. Em cada um, por detrás da materialidade de peça exibida está o ser humano que a produziu. Os espaços expositivos foram diversificados, não se confinaram aos dos museus que tutelava desde 1958, acima mencionados. Não sendo possível referir as múltiplas iniciativas, assinalam-se as que terão sido mais marcantes. No Museu da Cidade: Exposição Iconográfica e Bibliográfica comemorativa do *VIII Centenário da chegada das Relíquias de São Vicente a Lisboa* (1973), sobre cujo culto em todo o país investigara; *Lisboa e o Marquês de Pombal*, organizada no contexto das comemorações do bicentenário da morte de Sebastião José de Carvalho e Melo (1982); *Lisboa Quinhentista: a Imagem e a vida da cidade* (1983). Na Sé Patriarcal de Lisboa, *O Culto de Santo António na região de Lisboa (1231-1981)* (1981). No Palácio dos Coruchéus, *Zé Povinho fez 100 Anos* (1976), *O Povo e Lisboa: tipos, ambiente, modos de vida, mercados e feiras, divertimentos, mentalidade* (1979). No Palácio Galveias, *D. João V e o Abastecimento de Água a Lisboa* (1991). Interpelada sobre qual das exposições mais gostara de organizar, respondeu “Foram tantas, mas recordo “O Povo de Lisboa”, “Lisboa Quinhentista, e “O aqueduto das Águas Livres”. Gostei de fazer todas, porque me interessei sempre por assuntos muito variados. Começava a trabalhá-los e apaixonava-me logo por eles” (Entrevista, p. 143).

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro foi outro espaço museológico a que Irisalva Moita deu vida: “quando lá cheguei [em 1971] tive que fazer o trabalho todo de base, começando pelo inventário (...) porque o inventário é a base de um conhecimento mais seguro. Dá-nos facilidade e segurança para a identificação das peças de uma coleção” (Entrevista, p. 142). Da requalificação museológica e museográfica resultou a notável exposição *As Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro*, no Palácio Galveias, em 1985. Seguiu-se outra, já no Museu com o seu nome sobre *Fontes Pereira de Melo nas caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro* (1988). E escolheu este espaço para a exposição *Hospital Real de Todos-os-Santos. 500 anos* (1993), tema que lhe era particularmente caro, acompanhada da edição do livro da sua autoria *V Centenário do Hospital Real de Todos-os-Santos* pelos CTT. Estas realizações eram acompanhadas de comunicações. Em 1993 apresentou *Rosa Araújo nas caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro*, no Gabinete de Estudos Olisiponenses e *Rafael Bordalo Pinheiro e o Grupo do Leão*, no Palácio Galveias.

Irisalva Moita publicou 196 trabalhos, dispersos por artigos em revistas, comunicações, relatórios e catálogos de exposições, segundo o citado *curriculum vitae* elaborado por José Meco. Mas entre a vasta produção a que o seu nome está ligado avulta *O Livro de Lisboa*, que coordenou e para o qual escreveu três estudos, obra integrada no grande evento “Lisboa 94 Capital Europeia da Cultura”, (1994). Por este trabalho de referência para a História da Cidade, recebeu um Louvor da Câmara Municipal em 1995. O seu itinerário de vida e obra de Irisalva Moita revela que estamos perante uma personalidade em que se interligam as



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

facetadas de historiadora, arqueóloga e museóloga. Mas pela centralidade que Lisboa adquiriu e conjugou em todos estes domínios, considerá-la olisipógrafa sintetiza cabalmente o seu verdadeiro perfil. Numa reflexão sobre as diversas actividades em que se envolveu, a própria fez esta síntese: “Eu não pude procurar a vida que queria, mas gostei de todas as vidas que tive” (Entrevista , p. 143). Faleceu em 13 de Junho de 2009, dia de Santo António, um dos patronos da cidade, a cujo museu tanto se dedicara, sem conseguir ampliá-lo como era seu desejo. Foi Académica Correspondente da Academia Nacional de Belas Artes (1978); Vice-presidente do Grupo Amigos de Lisboa (1980) e Membro de Associação dos Arqueólogos Portugueses (1997).

Bibliografia activa: *Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro*. Exposição no Palácio Galveias – Outubro, 1985. Edição da Câmara Municipal de Lisboa; “Hospital Real de Todos os Santos -I - Relatório das Escavações a que mandou proceder a C. M. L., de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960”, in *Revista Municipal*, n.os 101/102, 2.º e 3.º trimestres, 1964, pp. 76-100; *D. João V e o Abastecimento de Água a Lisboa* (org. do catálogo da exposição), 2 vols., CML, 1990; *Livro (O) de Lisboa*, (coord.), obra integrada no grande evento “Lisboa 94 Capital Europeia da Cultura” /Livros Horizonte, Lisboa, 1994; *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, vol, Tomos II e III, Junta Distrital de Lisboa, , 1975-1988, colaborou com várias entradas; “Marquês (O) de Pombal e a sua família”. *Lisboa e o Marquês de Pombal* (catálogo da Exposição), vol. I. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1982, pp. 13-15; “O Terramoto de 1755 e a Reconstrução de Lisboa”. *Lisboa e o Marquês de Pombal*, (catálogo da Exposição), vol. 2. Lisboa; Câmara Municipal de Lisboa, 1982, pp. 8-25; “Exposição Lisboa e o Marquês de Pombal, Museu da Cidade. publicado pelo Museu da Cidade; *Lisboa Quinhentista: a imagem e a vida da Cidade* (catálogo da exposição). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1990; *V Centenário do Hospital Real de Todos os Santos*. Lisboa: Correios de Portugal, 1992; *Museu da Cidade*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1991; *Museu Antoniano e Igreja de Santo António à Sé*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 199; *Museu Rafael Bordalo Pinheiro*. Lisboa. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1991; *Termas (As) Romanas da Rua da Prata*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1977; *Do culto e das Festas a Santo António em Lisboa*. Catálogo *O Santo do Menino Jesus: Santo António: Devoções e Festa*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura – IPM - Museu de Arte Popular, 1995.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia passiva: Bastos, Margarida Almeida e Almeida, Rita Fragoso de, Museu de Lisboa, *Irisalva Moita um percurso fotobiográfico* Museu de Lisboa – EGEAC, E. M., 2019; *Faces de Eva – Estudos sobre a mulher*, n. 16.. Edições Colibri / Universidade Nova de Lisboa, 2006; Leite, Ana Cristina, “Irisalva Moita e a Arqueologia em Lisboa”, in *Rossio. Estudos de Lisboa*. Gabinete de Estudos Olisiponenses, n. 1, 2013, pp. 24-32; Marques, A. H. Oliveira, “Notícia histórica da Faculdade de Letras de Lisboa (1911-1981). *Ensaios de historiografia portuguesa*. Lisboa: Palas Editora, 1988, pp. 183 e 186; Meco, José, “Irisalva Moita. *Curriculum Vitae.*”, in *Boletim Cultural*. Assembleia Distrital de Lisboa, 1V série, n. 95, 1.º tomo, 2009, pp. 7-25

Carlos Margaça Veiga